



Educomunicação e a Construção de Representações Juvenis – Reflexões sobre Identidade e Diferença em Arari/MA¹

SILVA, M. I.²
ROSA, Rosane³

Resumo: As relações entre os campos da Educação e Comunicação e as bases teóricas da Educomunicação auxiliam na observação das representações que os jovens de uma realidade sócio-cultural distinta fazem de si mesmo, através das formas de apropriação do filme “Escritores da Liberdade” e das influências do contexto sócio-cultural na construção de seus significados. A amostra é composta por 12 estudantes entre 14 e 16 anos do município de Arari/MA. Assim, o presente trabalho evidencia em sua análise as formas de construção de relações e identidades juvenis, constituídas por conflitos, contradições e antagonismos, com destaque ao que toca a intolerância ou, ao menos, o reconhecimento simplificado do outro.

Palavras-Chave: Educomunicação; Multiculturalismo; Identidade; Diferença

Introdução

Para refletir acerca das intersecções entre Educação e Comunicação, é fundamental pensar a escola de forma libertadora e a comunicação como promotora de emancipação. O Multiculturalismo neste contexto é questão fundamental na sociedade contemporânea, e a mídia envolve-se nesse processo pelo seu papel central na construção de representações e referências culturais. Nesse sentido, a prática educacional pode auxiliar como instrumentos de estímulo a novas posturas.

Tal relação, estabelecida entre os sujeitos e suas representações, nem sempre é pacífica, sendo capaz de fomentar conflitos e tensões. A diferença, caso não trabalhada e refletida, torna-se elemento capaz de deflagrar atos de violência e segregar e violar direitos e igualdades que todos gozam em sua condição humana. A tolerância multicultural, básica a uma postura consciente de suas particularidades, é necessária ao ambiente escolar.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011 em Londrina/PR. O texto integra o Trabalho de Conclusão de Curso da autora, intitulado “Educomunicação, Identidade e Multiculturalismo: A Construção Juvenil de Representações de Mesmidade e Alteridade a Partir do Filme Escritores da Liberdade”, defendido em dezembro de 2010.

² Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: misilha@hotmail.com

³ Doutora em Informação e Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rosane.rosa@terra.com.br



Tais ideias alicerçam a proposta do presente trabalho, desenvolvida em dois municípios brasileiros: Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e Arari, no estado do Maranhão. Aqui, aborda-se a experiência da atividade maranhense, que integrou as atividades da equipe da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na Operação Catirina do Projeto Rondon.

Opções Metodológicas

A estrutura metodológica do trabalho divide-se em cinco momentos, caracterizados por análise geral, com debate amplo, e síntese de ideias. O primeiro deles é a *sensibilização*, com apresentação do propósito do trabalho e foco da observação; o segundo é a *exibição do filme*, cujo escolhido foi “Escritores da Liberdade”; o terceiro é o mais longo, por ser o espaço para *provocação e escuta*, com debate amplo e questões provocativas que levam ao aprofundamento da temática; o quarto momento fecha a discussão, com a *síntese* de palavras-chave e das redes associativas entre as idéias surgidas. Na quinta e última fase cada jovem participante é convidado a produzir um retrato com representações de si mesmo, do outro e do mundo onde está inserido.

Esta é uma construção metodológica própria, fruto da prática do Projeto de Extensão “Educação Com&Para a Mídia – uma Prática de Sustentabilidade Social e Política” e das reflexões do Grupo de Estudos “Comunicação, Educação e Cidadania”. Para garantir resultados plenos e significativos, busca-se uma metodologia capaz de capturar os mais significativos detalhes da prática educacional. Desde modo, a opção foi pelo grupo focal como método prático do processo, e aliou-se a prática dos grupos focais à narratologia para a construção da análise.

Em Arari/MA, a atividade foi desenvolvida no dia 23 de julho de 2010. Os alunos que compõe a amostra são de diferentes instituições de ensino, visto que as instituições de ensino estavam em férias na data supracitada. O total de doze participantes contempla cinco estudantes do Colégio Arariense, quatro do Centro de Ensino Cidade de Arari e três que freqüentam aulas no Centro de Ensino Arimatéia Cisne. Todos eles estão finalizando o Ensino Fundamental, cursando 7º, 8º ou 9º ano, caracterizando distorções série-idade no município.

O filme escolhido para a atividade foi “Escritores da Liberdade” (*Freedom Writers*, EUA, 2007). A diversidade cultural é o tema principal do filme e perpassa o enredo e as histórias de vida retratadas pela obra. O filme aborda os conflitos existentes



entre alunos e professores na convivência diária em uma escola californiana. A história é real e baseia-se na experiência docente de Erin Gruwell, professora novata em uma escola onde a violência e a intolerância são recorrentes. As diferenças culturais que convivem no espaço escolar o transformam em ambiente de difícil aprendizado e hostil para métodos pedagógicos diferenciados.

Um Olhar Histórico, Sócio-Cultural e Político para Arari/MA

O município de Arari, emancipado em 1864, localiza-se na mesorregião do Norte Maranhense e microrregião do Médio Mearim, e fica a 156 quilômetros da capital do estado, São Luís. Desde os primeiros registros históricos, que datam de 1723, a influência religiosa católica foi muito grande. Ela iniciou com a doação de terras para a criação de uma comunidade e construção de uma capela, e continuou na década de 1950, com a presença do padre Clodomir Brandt e Silva. Ele foi uma figura importante na história da cidade, contudo, duramente criticado pelo fanatismo que alimentava na população mais carente.

A situação atual de Arari é próspera, com investimentos em estruturas e na economia do município. Mesmo crescendo, a cidade convive com problemas resultantes especialmente da urbanização excessiva: não há saneamento básico nem uma correta gestão de resíduos. O trabalho no campo é pouco procurado – há poucas propriedades que cultivam monoculturas como arroz, feijão e melancia, principal produto de Arari. A pecuária também é desenvolvida, com destaque para a criação do pato Paysandu.

O município conta com 100 escolas, sendo 73 municipais e 27 estaduais, conforme dados da Secretaria Municipal de Educação (2010). A educação básica alcança todas as comunidades ararienses, que contam com pelo menos uma escola. Há duas universidades em Arari – a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Ambas mantêm pólos para ensino à distância e acompanhamentos presenciais. Há cursos nas áreas de Matemática e Tecnologias, História e Ciências da Natureza.

Realidade Arariense em Análise

A matéria prima de análise do presente trabalho são os registros das conversações dos grupos, organizadas em “ideias-força”, capazes de relacionar



diferentes falas em torno de conceitos e intuições comuns, conforme Thornton (2005, p. 89). Desta forma, é possível observar ideias reiteradas e singularidades, o que possibilita a construção de esquemas de classificação. Junta-se a tal processo a narratologia como metodologia de análise, capaz de “interpretar dinâmica e sistematicamente a essência do fenômeno observado” (Motta, 2007, p. 147).

Em Arari, a cultura regional é cotidiana e ganha novas significações dentro da cidade. A tradição do Bumba Meu Boi é mantida no Maranhão desde o século XVIII. Crianças e adultos brincam juntos, em uma festa que acontece nos meses de junho e julho. A lenda do Bumba Meu Boi relaciona-se diretamente com a crença nos santos de junho – São Pedro, Santo Antônio e São João. As festividades do Bumba Meu Boi são democráticas – ao final, quando o boi bumba, todas as personagens brincam juntas, sem distinções entre o “patrão” e seus “escravos”, ambos personagens da história.

A cidade de São Luís é conhecida por ser o principal espaço das ações culturais ligadas ao Bumba Meu Boi, contudo, os municípios do interior do estado, como Arari, mantém a tradição já secular. A União de Bumba Meu Boi de Arari, ou simplesmente Boi de Arari, é representante do sotaque de orquestra, com instrumentos de sopro e de corda e roupas adornadas com brilhos e franjas.

O município todo envolve-se nas festividades do Boi, que ganha traços próprios em Arari. A Secretaria Municipal de Cultura atua diretamente na organização da entidade, e a comunidade colabora constantemente. Os temas nas canções do Boi de Arari são locais, exaltando as belezas do município, as águas do rio Mearim, que corta o município, e a Pororoca, encontro das águas do mar e do rio. Arari também é conhecida no estado pelo Carnaval de rua, que é tido com um dos melhores do Maranhão, assim como pelo Festival da Melancia, principal produto econômico da cidade.

A realidade educacional em Arari é comparável aos níveis da capital do estado, São Luís. Contudo, as chances de emprego ainda são poucas, desestimulando a permanência dos mais novos – quem tem possibilidade para ir morar em São Luís, acaba deixando o interior. Trabalhar na produção de frutas e na pecuária são as principais atividades nas comunidades ararienses, enquanto na sede do município as chances de emprego são na rede municipal de ensino e na prefeitura municipal.

Para aqueles que permanecem em Arari, as opções são escassas, contudo, a administração municipal e a comunidade já articulam uma nova fonte de renda e emprego no Turismo, que começa a investir em qualificação especializada. A Secretaria de Cultura organiza e atua diretamente na gestão dos cursos do Programa Nacional de



Inclusão do Jovem (PróJovem Urbano), especialmente das turmas de Turismo e Hospitalidade. A ideia é que esta nova mão de obra, qualificada e conhecedora da realidade arariense, passe a atuar como guia turístico local.

Perfis dos personagens de uma História Maranhense

Em Arari, as discussões do grupo focal foram simplificadas. Os jovens eram, em grande maioria, desconhecidos uns dos outros, e a timidez falou mais alto em muitos momentos. Todos participaram, mas alguns apenas balbuciaram palavras ou conversaram os seus colegas mais próximos. Algumas meninas demonstravam estar envergonhadas, limitando-se a conversar entre si. Contudo, quando o grupo focal começou a fluir, elas também participaram.

As situações supracitadas são explicáveis e justificáveis à situação, já que em Santa Maria, alguns alunos que participaram do grupo focal já estavam familiarizados com a equipe de trabalho. Já em Arari/MA, tudo parecia ser novidade. Os jovens que participaram mostraram-se tensos e atentos a qualquer movimento da mediadora. A curiosidade foi o elemento motivador para muitos dos alunos, nesta e em outras atividades promovidas pela equipe. Independente dos contextos, ambas as atividades trouxeram resultados significativos e capazes de estabelecer aproximações e afastamentos entre as construções e representações apresentadas nas duas realidades.

No grupo focal de Arari/MA, participaram nove meninas e três meninos, estudantes de três diferentes escolas. Um ponto que merece destaque é que, diferentemente dos alunos santa-marienses, todos os jovens ararienses ainda estão no Ensino Fundamental (7º, 8º ou 9º ano). A distorção série-idade alcança 100% dos participantes, sendo questão recorrente no município.

A participante P1 (menina, 14 anos) começou a falar apenas no final da atividade. Durante as primeiras perguntas, ela apenas observou os demais colegas e às vezes fazia comentários com as colegas sentadas ao seu lado. Ela estuda no Colégio Arariense, e é colega de classe de um dos jovens que participaram da atividade, o P4. Sua última fala mostrou-se contraditória com sua postura ao longo do Grupo Focal, onde ela apenas participou nos últimos questionamentos. Ela afirmou não ter vergonha, contudo, mesmo questionada diretamente, não teve participação expressiva no grupo.

O participante P2 (menino, 15 anos) permaneceu boa parte do encontro calado. Todavia, ele foi um dos que viu o filme de forma mais atenta, pedindo silêncio para as



meninas e discutindo, em alguns momentos, as cenas com a irmã, a participante P6. Ele estuda no Centro de Ensino Cidade de Arari (CEMA) e é colega de P8.

O participante P3 (menino, 14 anos) contou com naturalidade que havia sido vítima de violência física na escola. Sobre o incidente, os demais alunos não demonstraram surpresa ou indignação, nem mesmo quando o jovem mostrou as cicatrizes em seu pescoço. Mesmo não sendo o mais velho, ele era o aluno mais adiantado do grupo – estava na 9ª série do Colégio Arariense.

O participante P4 (menino, 15 anos) foi o que, quantitativamente, mais participou da atividade, respondendo três das cinco questões. Ele estuda no Colégio Arariense e está na 8ª série.

A participante P5 (menina, 14 anos), durante a atividade, comentou ser a mais nova do grupo. Mesmo assim, ela mostrou ter opinião e ser participativa em atividades em grupo. Ao trazer exemplos do seu dia a dia, ela demonstra confiança e abertura à mediadora.

A participante P6 (menina, 14 anos) permaneceu em silêncio praticamente durante toda a atividade. Ela apenas participou quando questionada diretamente pela mediadora. Pela resposta, transpareceu estar desinteressada em ouvir e participar do grupo – ao ser questionada sobre a tolerância/intolerância, ela apenas concordou com a fala de outra participante e complementou afirmando que “não sei explicar como isso acontece”.

A participante P7 (menina, 14 anos) era a única estudante do Centro de Ensino Arimatéia Cisne, o que a deixou um tanto deslocada perante os demais colegas, que ao menos já se conheciam dos corredores escolares. Mesmo assim, ela mostrou participar e inclusive conversou com meninas próximas a ela.

A participante P8 (menina, 14 anos) participou ativamente do grupo focal, respondendo e estimulando os demais participantes. Ao falar, ela dirigia-se ao P2, que é seu colega de escola, terminando as frases com “né?”, para que ele confirmasse sua fala.

A participante P9 (menina, 14 anos) somente falou quando a mediadora dirigiu-se diretamente a ela. Durante a atividade, ela riu muito, inclusive das respostas dos demais colegas. A participante P12, inclusive, pediu para que ela permanecesse em silêncio, pois P9 ficou grande parte da atividade conversando com a colega P10 e com sua irmã, P11.

A participante P10 (menina, 15 anos) tentou integrar o grupo, mas foi atrapalhada por P9, que falava com ela constantemente. Mesmo assim, ela participou e



deu opiniões. No começo, acompanhou P9 nas risadas e conversas, mas participou da atividade até o penúltimo momento.

A participante P11 (menina, 15 anos) conversou com sua irmã, P9, durante a atividade. Vê-se que quando P9 e P10 estavam conversando (no começo e ao final da atividade), P11 se autorizou a opinar no grupo.

A participante P12 (menina, 15 anos) apenas falou uma vez, fazendo todos rir com sua colocação sobre o comportamento das meninas de Arari/MA, afirmando que muitas delas apenas vão para a escola para namorar. Contudo, mesmo trazendo para a discussão esta questão importante, ela não fez mais observações. Inclusive, P12 deixou em branco seu retrato. Seu riso durante a atividade pode demonstrar certa intimidação perante o grupo, o que a motivou a não produzir o retrato.

Discriminação

Situações de discriminação são significativas no enredo do filme “Escritores da Liberdade”, com destaque para os estranhamentos originados em diferenças étnicas e comportamentais. Estas situações, muitas vezes, fomentam o surgimento de situações de intolerância e desrespeito com o próximo. Na realidade dos jovens das duas cidades, tal situação foi apontada como recorrente e causadora de problemas dentro do ambiente escolar. As diferenças entre as realidades apareceram quando as razões da discriminação foram levantadas – em Arari as motivações relacionam-se, especialmente, com questões sociais.

A discriminação é uma maneira de excluir uma pessoa (P8 Arari, menina, 14 anos).

Por causa da cor, do jeito de ser (P5 Arari, menina, 15 anos).

Pela classe social, aqui existe (P8 Arari, menina, 14 anos).

No meu colégio, por exemplo, tem [discriminação]. Porque tem gente que tem classe social mais alta, que acabam excluindo pessoas que não são assim. Eles ficam dizendo ‘tu é pobre, não pode comprar isso ou fazer aquilo’. Isso por causa de diferença. (P8 Arari, menina, 14 anos).

Jogam [a discriminação] na cara (P5 Arari, menina, 15 anos).

A discriminação em Arari é discursiva e direta, como aponta a participante P5, ao afirmar que os preconceitos são “jogados na cara”. As diferenças são ligadas diretamente aos conflitos entre diferentes classes sociais, entre distintas origens étnicas e pelo “jeito de ser”. O comportamento é determinante para haver ou não a



discriminação. Em Arari, para além da discriminação, há uma situação que é recorrente para aqueles que estão fora do padrão vigente – há a exclusão, que humilha e machuca.

O poder aquisitivo mostra-se como elemento diferenciador – incluindo ou excluindo o sujeito, colocando o junto ao “nós” ou segregando-o e definindo-o como “eles”. A diferença nos padrões de consumo estimula a discriminação em Arari, e sua expressão é facilmente perceptível. Há agressões verbais, e a classe social é capaz de deslegitimar uma pessoa dentro do grupo social.

As falas revelam um ponto significativo que diferencia as duas realidades – o consumo de mídia e os padrões referenciais em Arari são diferenciados. O município maranhense tem elementos referenciais locais que ganham sentido e pesam na construção das representações dos jovens. A diversidade e a ação democrática promulgada pelo Bumba Meu Boi alcançam o dia a dia do povo, que se mostra mais aberto ao que é diferenciado.

A questão sexual também resultou em leituras diferenciadas na cidade maranhense. Em Arari, a diversidade sexual não segrega nem gera exclusão, visto que os jovens, diferentemente dos santa-marienses, nem tocaram no assunto. A diferença nas opções sexuais são naturalizadas e aceitas em sua grande maioria.

Violência

A consequência direta da discriminação, apontada pelo filme e evidenciada nas falas dos participantes, é a violência, em suas várias facetas. O desrespeito ao outro gera inimizades e é capaz de criar situações delicadas dentro do espaço escolar. A violência foi apontada como desfecho comum em situações de desrespeito.

A violência pode ser lingüística, verbal, ou “literalmente”. Aí, a pessoa faz sem saber das conseqüências (P5 Arari, menina, 14 anos).

Assim machuca, às vezes até machuca mais [do que a física] (P9 Arari, menina, 14 anos).

É igual ou até pior, comparando com o filme (P8 Arari, menina, 14 anos).

Isso aqui ó [menino mostra marcas e cicatrizes em seu pescoço] é sinal de violência na escola. Eles esquentavam o ferro da cadeira e passavam aqui, por violência, por molecagem. Tudo foi por molecagem (P3 Arari, menino, 14 anos).

Acontece por vingança mesmo, por ofender ou machucar alguém. É fazer qualquer coisa que humilhe (P10 Arari, menina, 15 anos).



A violência é vista como recorrente e negativa pelos participantes ararienses, contudo, há traços de discursos prontos e estereotipados nas falas dos jovens. A participante P5 define a violência com palavras vazias, sem significação conjunta e com vocabulário distante de sua realidade social. Contudo, ela consegue distinguir em sua fala duas formas usuais de violência – a física e a moral.

As motivações são as mais diversas possíveis, mas a referência unânime aponta para retaliações – as diferenças motivam ações onde há gratuidade na reação. Mesmo usual e cotidiana, acostumar-se com a violência é impossível para os jovens. A reclamação é uníssona em relação à prática e as consequências das respostas violentas.

As marcas deixadas pela violência são persistentes para os jovens. Assim como os participantes ararienses comentam, a ação violenta é, em grande parte das vezes, impulsiva e capaz de ferir profundamente. Usualmente “acontece por vingança”, como afirma a participante P10. Situações como estas, que fomentam um espírito vingativo e de retaliação, mostram a necessidade de ações em prol da tolerância e da boa convivência dentro da comunidade escolar.

Semprini (1999, p. 50), conforme citado anteriormente, pensa as polêmicas multiculturais dentro da escola como forma de enriquecimento e reflexão para novos paradigmas. Então, através da reflexão e de ações em prol da recomposição do mundo (Touraine, 1997, p. 238), a violência deixa de ser opção final nos conflitos e realidade cotidiana. Em Arari, tal medida é latente dentro do espaço escolar.

Em Arari, a situação de violência física dispara como principal, conforme relatos dos participantes. A necessidade de abordar tais questões dentro do espaço escolar, tal qual faz Erin Gruwell no filme *Escritores da Liberdade*, mostra-se como ação necessária. A reflexão acerca da diferença e da tolerância com o que é diferente é necessária para fomentar novas realidades, onde o diálogo é recorrente e conciliador.

A participante P9 afirma que o abuso moral é capaz de ferir mais do que a violência física, aproximando-se das falas santa-marienses. Contudo, uma situação retratada pelo participante P3 mostra que as reações violentas já estão naturalizadas entre os adolescentes. Ao mostrar as cicatrizes da violência da qual foi vítima, os demais participantes mostram-se indiferentes, assim como o próprio agredido.

Ao classificar sua agressão como “molecagem”, também o aluno demonstra naturalizar e, inclusive, aceitar certas violências. A humilhação causada pela violência moral ou as marcas deixadas pela violência física são duramente criticadas pelos jovens,



embora a significativa fala de P3 aponte para uma naturalização do clima e da prática da violência no dia a dia escolar.

Grupos de Pertencimento

A reunião dos jovens juntamente com seus pares cria grupos, que compartilham referências e valores simbólicos. A existência de tais agrupamentos foi confirmada pelos participantes em ambos os grupos focais, contudo, as razões que aproximam os jovens são distintas. Neste contexto, há situações de intolerância e preconceito que retomam Bobbio (2004, p. 207) e suas formas de considerar a diversidade. Os jovens das duas cidades mostram em suas falas que os pré-conceitos alimentados e capazes de sustentar julgamentos precipitados são, em maioria, construções sociais já arraigadas.

Na cidade maranhense, as aproximações são caracterizadas por outras finalidades – namorar, conversar, estudar.

Existe grupo, mas só para conversar. Cada um tem seu grupinho (P12 Arari, menina, 15 anos).

O que a gente observa é que existe um grupo de meninas que está entrando na fase de namoro e que querem ir uma mais bonitinha do que a outra, pra chamar a atenção dos meninos. Tem aquelas que não ligam muito para isso e que vão para a escola para estudar mesmo (P12 Arari, menina, 15 anos).

Tem aquelas com cachorrinho cor de rosa, mais ‘empiriquitadinha’, naquela fase de ‘bom pra cá, bom pra lá’. Tem umas que não despertaram ainda. Aqui em Arari, na cara a gente percebe isso (P10 Arari, menina, 15 anos).

Aqui [em Arari] é sempre assim, um quer ser mais que o outro (P8 Arari, menina, 14 anos).

Um quer ter o que é do outro, e assim vai (P7 Arari, menina, 14 anos).

Na minha escola o que mais tem é gente botando defeito nos outros (P10 Arari, menina, 15 anos).

Para os jovens ararienses, a escola é o principal espaço de sociabilidade, capaz de promover a construção de relações e a apropriação de valores. Os grupos existem, mas são formados por afinidades distintas de caracteres de identificação, como vestuário, gostos musicais ou compartilhamento de ideias. As aproximações, segundo P12, “são só para conversar”. Contudo, também há falas que apontam segregações oriundas de diferenças sociais.

O principal ponto destacado pelos participantes, especialmente as meninas, é o interesse pelos meninos e a possibilidade de encontrar um namorado na escola. Há uma



divisão entre as meninas, identificada por elas próprias – há aquelas que se interessam em estudar e comparecem a escola para isso e outras que têm outras intenções no ambiente escolar.

Vaidade e cuidados com o visual preocupam as meninas que vão “empiriquitadinhas” para a aula, enquanto o outro grupo não se preocupa tão veementemente com questões estéticas. O espaço de sociabilidade que a escola promove necessita, então, abrigar e conviver com conflitos e disputas ligados a questões de sexualidade. Atenção para desdobramentos de possíveis relacionamentos acabam incluídos, neste raciocínio, às preocupações da escola.

Há uma forte “cultura da fofoca”, assim como uma referência direta ao “ter”, assim como apontaram os participantes santa-marienses. “Um quer ter o que o outro tem”, afirma a participante P7, complementada por P8, que lembra “sempre um quer ser mais que o outro”. As duas falas se complementam para apontar uma característica do espaço escolar arariense – há uma grande disputa simbólica entre “ser” e “ter”, e tal luta segmenta e hierarquiza sujeitos.

Tal divisão ratifica as falas anteriores sobre discriminação, e mostra-se perpassada pelas questões ligadas a classe social. O poder aquisitivo é elemento que segrega e divide os jovens, em um contexto de competição. Seja ligada a conquista de um namorado, seja por questões financeiras, as diferenças são mais dramáticas, capazes de romper e/ou desestimular relações.

Tolerância

A relação com a alteridade ainda é cercada por julgamentos precipitados e pré-conceitos que tolhem, muitas vezes, as relações entre alunos e com os professores. Em Arari/MA, a relação com os colegas é complicada. As situações são delicadas e apontam para características próprias do contexto sócio-cultural.

Varia, a gente está com um amigo, por exemplo, e aí chega outro que é mais amigo da gente, aí a gente dá mais atenção pra ele. Assim começa, a chegar mais perto ou a criar inimigos (P3 Arari, menino, 14 anos).

A gente tenta conviver (P6 Arari, menina, 14 anos).

Isso já gerou conflito na minha sala. Chegou uma menina lá no grupo que era meu e gerou muita briga. A novata gerou muita briga. Demorou um pouquinho, mas todo mundo percebeu que o pessoal prestava mais atenção nela, o que levou a uma briga enorme e fizemos as pazes de qualquer jeito (P5 Arari, menina, 14 anos).



O mesmo que P5 falou acontece direto. É sempre a mesma coisa, não sei nem como explicar (P9 Arari, menina, 14 anos).

Na minha sala, todos compartilham seus problemas uns com os outros, chega um novato e a gente conversa para que ele não se sinta solitário ou sozinho. Todo mundo ajuda. Na minha sala, a gente tenta conviver com as diferenças (P1 Arari, menina, 14 anos).

Às vezes conseguimos conviver com as diferenças. Quando não, dá briga, e eu não sei o porquê, já que todo mundo deveria ser amigo, compartilhar com as pessoas (P4 Arari, menino, 15 anos).

A proximidade e o reconhecimento do outro são pontos apontados pelos ararienses como fundamentais para a aproximação ou rejeição de alguém. Há um binarismo significativo entre os conceitos de “amigo” e “inimigo”, “longe” e “perto”, “igual” e “diferente”. Há dificuldades na comunhão e na aproximação com novos sujeitos, e as diferenças são toleradas de forma reportada por Bobbio (2004) – há preconceitos já arraigados socialmente que influenciam diretamente nos comportamentos. As relações sociais ganham observações quantitativas para serem ou não viáveis. A relação de distância e proximidade é determinante no estabelecimento de relações e na distribuição entre “nós” e “eles”.

A participante P5 afirma que a intolerância, em um primeiro momento, gerou conflitos em sua sala de aula. Uma colega nova foi o estopim de um conflito entre os demais colegas, contudo, a reflexão levou-os a uma postura mais aberta e tolerante. O diferente e o “outro”, na história relatada por P5, significa a novidade e mostra o temor ao desconhecido. “Demorou um pouquinho (...) fizemos as pazes de qualquer jeito”, afirma P5, que foi corroborada por P9.

Já a situação de P1 mostrou-se próxima da ideia construída por Silva (2009) para uma identidade de caráter político, capaz de estimular mudanças sociais. Na classe desta participante, os colegas dividem seus problemas uns com os outros, em um processo de crescimento conjunto e compartilhado. “Na minha sala, todo mundo tenta conviver com as diferenças”, afirma ela, sendo exemplo de uma situação de exceção perante os demais exemplos.

Uma das situações que contrapõe a positiva realidade supracitada é a de P4, visto que há o desejo, compartilhado entre os colegas, de uma realidade pacífica e tolerante, contudo, muitas vezes conviver com as diferenças torna-se delicado. Há dificuldades para compreender, para se expressar e para lidar com as complexas diferenças pessoais, do próprio grupo e dos outros.



Culpas/Medos/Vergonha

Nesta discussão, os posicionamentos dos alunos ararienses e santa-marienses mostraram-se semelhantes, o que permite inferir que a cultura escolar prepondera na formação de referenciais dentro da sala de aula. A maioria compartilhou seus medos, culpas e vergonhas. A reprovação e os processos avaliativos surgem como razões principais para os temores compartilhados pelos alunos de Arari/MA.

Tenho medo de errar (P10 Arari, menina, 15 anos).

Eu não tenho vergonha (P1 Arari, menina, 14 anos).

Tá, mas imagina chegar num lugar onde não se conhece ninguém e tem que tentar fazer amizade, e se eles não querem, eles vão ficar te zoando, você vai sentir vergonha (P10 Arari, menina, 15 anos).

Tenho vergonha dos meus pais (P11 Arari, menina, 15 anos).

Assim, se tem um trabalho no colégio e está todo mundo lá, e você está apresentando o resumo de algum trabalho, por exemplo, e na hora você erra uma palavra. Todo mundo começa a rir, isso dá uma vergonha, né? Dá medo de ir novamente para o quadro apresentar outro trabalho (P8 Arari, menina, 15 anos).

Também se passa vergonha quando se é humilhado. Falar errado, por exemplo. (P2 Arari, menino, 15 anos).

Há uma intersecção entre o medo e vergonha, já que grande parte das situações citadas pelos alunos como fomentadoras do medo relacionam-se diretamente com o sentir vergonha. A opressão existe e é ratificada nas falas, como demonstram os participantes P2, P8 e P10.

Há opressão e restrições no espaço dialógico, visto que os jovens próprios se desautorizam a expressar-se por temer a rejeição e a avaliação do outro. A diferenciação e possível exclusão que um erro pode provocar são argumentos suficientes para promover o silêncio. A rejeição em diferentes espaços sociais também é levantada pelos estudantes – após P1 afirmar não sentir vergonha, a participante P10 rebateu afirmando que “imagina chegar num lugar onde não se conhece ninguém e ter que tentar fazer amizade”.

A reação dos demais pode impossibilitar novas participações pelo medo do julgamento dos “outros”, dos pares e até dos familiares. Ao ser questionada sobre o que lhe traz medo, P11 afirmou sem demoras que tem medo de seus pais, o que pode apontar uma relação delicada ou pais autoritários perante a diferença. A culpa e a



vergonha integram um processo que dificulta ou até impede o indivíduo de reconhecer a “si” e ao “outro” como sujeitos. Em decorrência desta situação, ele desvaloriza sua inserção nos diferentes ambientes de sociabilidade.

Considerações Finais

O multiculturalismo, quando analisado de forma crítica, leva a questionamentos acerca das origens das diferenças, das hierarquizações e privilégios, assim como leva a posicionamentos críticos à exclusão social (Ribeiro, 2008, p. 131). Identificar as influências dos contextos culturais na construção e apropriação de representações de “eu”, “outro” e do “mundo” foi o principal objetivo do presente trabalho, e, para isto, duas realidades distintas foram escolhidas – Santa Maria/RS e Arari/MA.

Os contextos culturais influenciaram diretamente nas provocações feitas nos grupos focais. As falas dos jovens foram motrizes para tal diagnóstico, visto que, nas proposições feitas quando os temas centrais giravam em torno da tolerância e dos preconceitos, assim como de parte das falas de culpa/medo/vergonha, exemplos e histórias locais ganharam espaço e peso nas suas interpretações.

A convivência no ambiente multicultural escolar desafia a Educação e a Comunicação a buscar linguagens e estratégias para enfrentar essa pluralidade de identidades em permanente re/construção. Silva (2009, p. 96-99) sugere como estratégia a afirmação da identidade política, sendo ela estratégia tanto pedagógica como comunicacional. Assim, também a proposta de Touraine (1997, p. 238) de recompor o mundo, transformando e alargando os horizontes culturais, torna-se possibilidade viável à convivência entre as diversidades. As ideias de Bobbio (2004) sobre a tolerância ganham sentido na busca de estratégias para que a identidade e a diferença tornem-se espaços de produção social. Tal discussão aponta para a relação estabelecida entre as posturas preconceituosas e julgamentos precipitados sobre o “outro”.

Quanto à dialogicidade freireana no processo de aprendizagem, verificou-se que, de certa forma, a “cultura do silêncio”, se perpetua, menos pelo autoritarismo dos professores, como predominava no passado recente, e mais pelo temor da reação e do julgamento dos colegas, da “gozação”, medo de errar e ser “ridicularizado”. O fenômeno detectado, então, é que convivem simultaneamente a “cultura do silêncio” com a “cultura do barulho”, da dispersão, em grande parte reflexo de uma geração



multimídia e algumas vezes representa uma resposta dos jovens a autoritarismos da estrutura escolar.

Apesar de uma aparente harmonia, percebeu-se o ambiente escolar como espaço de diferentes conflitos que possuem como elementos centrais a questão da identidade e da diferença. A elaboração das identidades perpassa tal relação, e na escola, espaço de socialização e construção de conhecimentos e valores, torna-se necessária sua reflexão. Para tanto, a prática educomunicacional, apresenta-se como uma estratégia relevante para a problematização dessa questão e à promoção de novos comportamentos ligados às identidades culturais.

O presente estudo, então, evidencia que as relações e identidades juvenis são constituídas em meio a conflitos, contradições e antagonismos, com destaque ao que toca a intolerância ou, ao menos, o reconhecimento simplificado do outro. Isso evidencia a necessidade da adoção de estratégias educomunicacionais para que a escola seja um espaço de aprendizado contemplando uma “ecologia de saberes”.

Bibliografia

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Sônia Tereza da Silva. **O rap e a Aula: Tocando nas Diferenças...** In: Revista da ABEM, v.19, s/n, 2008.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

SILVA, T. T. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA, T. T. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de Discussão. Grupos Focais. Metodologia. Tradução de Luciane D’Ávila de Moura e Leonardo Meira do Nascimento**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e Diferentes – Poderemos Viver Juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.